

O CÉU

VERDADE DIVINA

SUMÁRIO

O Reino do Céu - <i>David Petterson</i>	3
A libertação do Céu - <i>Shawn St. Clair</i>	4
Os moradores do Céu - <i>Brody Thibodeau</i>	6
Ressurreição - <i>Donald Armstrong</i>	8
Avaliação e recompensa - <i>John Meekin</i>	10
Conheceremos uns aos outros no Céu? - <i>Matthew Cain</i>	12
Relacionamentos no Céu - <i>Stephen Harper</i>	13
Realização no Céu - <i>David Petterson</i>	15
Rebelião, regresso e retribuição - <i>A. J. Higgins</i>	17
Restauração e reinado - <i>Clive Barber</i>	20
Renovação: Novos céus e nova terra - <i>David McAllister</i>	23
Evangelho: prontidão para o Céu - <i>Joseph Dennison</i>	26

O objetivo desta revista é edificar, exortar e incentivar cristãos para que sejam mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo.

“Não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo...” Colossenses 1:9-10

Copyright © Verdade Divina, São Sebastião do Passé, Bahia, Brasil - www.verdadedivina.com.br

Correspondência pode ser dirigida para o editor pelo e-mail: info@verdadedivina.com.br

Os artigos são traduzidos com a devida permissão de Truth & Tidings.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da tradução João Ferreira de Almeida - Edição Revista e Corrigida, 4ª edição, 2009, Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

Então, para onde exatamente estamos indo? Antes do retorno do Senhor, para onde vai um cristão que morreu? As escrituras ensinam que o céu é o nosso destino, mas onde fica e como é? Felizmente, não somos deixados à mercê de nossa imaginação nem das centenas de relatos escritos por pessoas que supostamente foram para o céu e retornaram. Na verdade, o apóstolo Paulo descreve um incidente de “ida e volta ao céu” em sua própria vida, mas o faz com muita hesitação e poucas informações. De fato, em vez de preencher cem ou mais páginas sobre o que viu, seu foco foi o que ouviu. Ele não compartilha nada do que viu. Ele apenas “ouviu palavras”, e eram “palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar” (2 Coríntios 12:4). E para acompanhar essa revelação, Paulo recebeu um espinho na carne (v 7), não um contrato de um milhão de dólares para um livro!

Mas, neste relato, Paulo dá a entender que, ao morrer, chegaremos ao “terceiro céu” (2 Coríntios 12:2). O primeiro céu é aéreo, a atmosfera onde os pássaros voam (Jeremias 4:25). O segundo céu é astral, onde se encontram as estrelas (Isaías 13:10). O terceiro céu é celestial, a morada de Deus (Isaías 63:15; Salmos 33:13-14; 102:19). Quando Cristo ascendeu à mão direita do Pai, Ele passou pelos céus (plural, indicando o primeiro e o segundo; Hebreus 4:14) e entrou no próprio céu (presumivelmente o terceiro), aparecendo “na presença de Deus” (Hebreus 9:24; veja também Marcos 16:19; Lucas 24:51; Atos 1:9-11). Estêvão viu o Senhor Jesus ali momentos antes de sua própria morte - ele “viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à direita de

Deus” (Atos 7:55). Como Paulo também nos diz que, ao morrermos, vamos “estar com Cristo” (Filipenses 1:23), fica claro que nosso destino é de fato esse terceiro céu, a morada de Deus.

Paulo também chamou esse céu de “paraíso” (2 Coríntios 12:13), a mesma palavra usada pelo Senhor Jesus em Sua promessa ao criminoso crucificado ao Seu lado (Lucas 23:43). É interessante notar que, na tradução grega do Antigo Testamento, a palavra “paraíso” é usada para descrever o Jardim do Éden (ver Gênesis 2:8; Ezequiel 28:13), o lugar onde Deus e o homem desfrutavam de comunhão. Nosso destino após esta vida é habitar com Cristo (que é Deus) em doce comunhão com Ele no paraíso.

Para que essa comunhão seja possível, algo deve acontecer conosco na morte, pois somos pecadores. Hebreus 12:23 refere-se aos “espíritos dos justos aperfeiçoados” que habitam acima, na Jerusalém celestial. Isso implica que nós também seremos aperfeiçoados em nossos espíritos quando chegarmos ao céu. Ao morrermos, deixaremos para sempre para trás o pecado, a tentação e o fracasso.

Há outras frases usadas para descrever nosso destino, que serão expostas nos artigos a seguir. Mas mais uma palavra será suficiente por enquanto - estamos indo para “casa”. Paulo diz que, quando deixarmos este corpo, “para habitar com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). E não há lugar como o lar. Mas há muito mais em nosso glorioso futuro do que isso. É nossa oração que você seja abençoado ao ler os artigos a seguir.

A LIBERTAÇÃO DO CÉU

Desmontar a tenda

Como trabalhador itinerante de couro, Paul viu a sua quota-parte de tendas rasgadas e esfarrapadas. Os seus frugais proprietários traziam-nas para ele coser e remendar, na esperança de conseguir mais alguns anos de utilização. Mas as tendas não duram para sempre. Por definição, são temporárias e transitórias. Desgastam-se inevitavelmente. Não admira que Paulo tenha pensado em tendas quando escreveu sobre o nosso corpo: “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”, por isso, “nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos...” (2 Coríntios 5:1,4). Somos peregrinos e vivemos como enviados ao mundo para dar testemunho do nosso Senhor (João 17:18). Ao mesmo tempo, vivemos sabendo que nossa “cidadania está nos céus” e ansiamos por uma pátria melhor, “isto é, a celestial” (Filipenses 3:20; Hebreus 11:16). Ao longo da viagem, apreciamos o nosso corpo de “tenda”, mas ele depressa mostra a sua idade e a sua vulnerabilidade. Ficamos a saber como são frágeis. E não é só a sua fragilidade induzida pelo pecado que nos faz gemer. Também lutamos contra a nossa natureza pecaminosa - um ocupante da nossa tenda que tenta incansavelmente virar-nos contra o Espírito que habita em nós, voltando a viver para nós próprios (Romanos 7:17, 20; 8:23). É muito para qualquer tenda, e para qualquer habitante da tenda, suportar - uma batalha interior

e uma agressão exterior. Não admira que Paulo estivesse ansioso pelo fim dos seus dias de tenda!

Em 2 Coríntios 5, Paulo encoraja-nos a antecipar o “novo lar” de que em breve desfrutaremos. Os nossos futuros corpos livres do pecado e de todos os seus efeitos são uma realidade segura: “Porque sabemos que temos de Deus um edifício” (v. 1). Serão permanentes: Uma “casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (v. 1). E nós devemos esperar por ela: “desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu” (v.2). Nos versículos 3 e 4, Paulo provavelmente se refere a um estado em que os cristãos estão livres de seus corpos “tenda”, mas ainda aguardam seu “edifício de Deus”, corpos glorificados. Na linguagem de 1 Coríntios 15, eles estão entre a sementeira de seus corpos naturais e o surgimento de seus corpos espirituais, imperecíveis, celestiais, de ressurreição. Isto descreve bem “os que morreram em Cristo” que serão ressuscitados no Arrebatamento (1 Tessalonicenses 4,16). Enquanto esses cristãos esperam ser “revestidos” (2 Coríntios 5:4), eles já estão desfrutando de sua libertação do pecado, longe do corpo, e dificilmente poderíamos chamá-los de desabrigados, pois estão atualmente habitando “com o Senhor” (2 Coríntios 5:8). Como Paulo disse aos Filipenses, “partir e estar com Cristo... isto é ainda muito melhor” (Filipenses 1:23)!

A conclusão da salvação

Para compreender a nossa vida de

“tenda” e o nosso futuro lar sem pecado, precisamos apreciar os aspectos passados, presentes e futuros da salvação. Já fomos salvos da pena do pecado (João 5:24; Romanos 8:1). Atualmente, estamos sendo salvos do poder do pecado nas nossas vidas pelo Espírito de Deus que habita em nós, que experimentamos quando vivemos a verdade de que “estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas é Cristo que vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou por mim” (Gálatas 2:20). Mas, mesmo com tudo isto, o pecado continua presente dentro e fora das nossas tendas. Ainda vivemos com os seus efeitos nos nossos corpos e nas nossas vidas. Aguardamos com expectativa a nossa libertação definitiva do pecado - o aspecto futuro da nossa salvação. “A nossa cidadania está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido para ser conforme o seu corpo glorioso” (Filipenses 3:20-21). Estamos a caminho de viver onde nada que contamine entrará (Apocalipse 21:27), um lugar “em que habita a justiça” (2 Pedro 3:13), e onde “Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Apocalipse 21:4). Que salvação! Que Salvador!

Entretanto

Dada a gloriosa libertação do pecado e a maravilha do que está para vir para os cristãos, pode parecer tentador abandonar estas “tendas”. Mas não é isso que as Escrituras nos chamam a fazer

na nossa expectativa. Paulo reconheceu o seu “desejo... de partir e estar com Cristo”, mas julgou “mais necessário ficar na carne” porque o Senhor ainda tinha trabalho para ele fazer entre os Filipenses (Filipenses 1:23-24). “Tendo esta confiança”, escreveu Paulo, “sei que ficarei e permanecerei com todos vós para proveito vosso e gozo da fé” (v 25). O Senhor derrubará as nossas débeis tendas no tempo certo, mas, entretanto, tem trabalho para fazermos nelas, para Ele e para a bênção dos outros.

Maravilhosamente, “ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo se renova de dia em dia” pelo Espírito e pelas Escrituras, de modo que, entretanto, “não desfalecemos” (2 Coríntios 4:16). E é-nos assegurado que “nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente” (v. 17). Por isso, continua a olhar para cima da janela da tua tenda, porque “sabemos que, quando ele [Cristo] se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos” (1 João 3,2). E, enquanto vigiamos e esperamos, devemos viver diariamente a vitória sobre o pecado nas nossas tendas, pois “qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (v. 3). Convém viver agora de acordo com o modo como viveremos para sempre.

Em suma, encorajem-se; estas tendas estão prestes a cair. Nós estamos prestes a subir. Iremos deixar o pecado para trás. “Ainda um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará”. Mas, entretanto, “o justo viverá da fé” (Hebreus 10:37-38).

OS MORADORES DO CÉU

Pergunte a qualquer um onde fica sua casa, e a resposta é muitas vezes muito concisa. Nomes de países, cidades ou comunidades e talvez até mesmo endereços ou direções são dados para responder à sua curiosidade. Peça-lhes que descrevam sua casa, e eles começam a listar o ambiente natural ou o estilo e os materiais do edifício. Pessoas sentimentais podem usar descrições vívidas de vistas, sons e cheiros para transmitir os sentimentos de casa. Os tons familiares dos revestimentos de parede, a tagarelice das crianças brincando ou o doce aroma dos biscoitos cozidos lembram-nos do lugar onde eles estão mais confortáveis. No entanto, para a maioria de nós, a localização e as pistas materiais e físicas são detalhes secundários aos ingredientes mais importantes de uma casa: as pessoas que moram lá.

As Escrituras nos lembram que, para os cristãos, o céu não é apenas um destino; é nosso lar (2 Coríntios 5:8). Não é de surpreender, então, que amemos estudar passagens bíblicas que descrevem o céu. Outros artigos a seguir enfocam a localização do céu e o entorno que encanta os sentidos. Desde tronos deslumbrantes, coroas e joias preciosas até cordas de louvor e odores de lâmpadas acesas e incenso, tudo marcará o esplendor do que Paulo chamou de “terceiro céu”. Mas, para nós, o que fará do céu o lar tem menos a ver com o local e o entorno e mais com as pessoas presentes.

Mas quem devemos esperar ver lá quando chegarmos, e quem virá depois de nós? A obra do reino de Deus é tão vasta que seria mesquinho adotar o conceito coloquial do

céu como mera reunião familiar. Por outro lado, enquanto uma multidão diversificada está destinada ao céu, as descrições bíblicas parecem nunca perder seu calor pessoal e senso de conexão. As listas a seguir podem nos ajudar na expectativa de estar “em casa”.

Quem está atualmente no céu?

Nosso Pai Celestial

Embora isso possa parecer óbvio, observamos cuidadosamente que o próprio Deus está no céu. Sua onipresença é ensinada em todas as Escrituras, mas de um modo específico, o céu é chamado de Sua “habitação” (1 Reis 8:30). Que Ele continua a habitar no céu no futuro é visto na cena do trono de Apocalipse 4.

Nosso Senhor Jesus Cristo

Sabemos que o Senhor Jesus existia no céu antes da criação e da Sua encarnação (João 1:1; 17:5). Embora reconheçamos novamente a onipresença, somos informados de que, em um corpo ressuscitado, nosso Salvador foi exaltado e está sentado à direita de Deus (Colossenses 3:1; Hebreus 1:3), um homem real sentado no céu que está de pé enquanto Ele acolhe os Seus na Sua presença (Atos 7:56).

Anjos

Essas criaturas espirituais são claramente mensageiros e servos enviados por Jeová para realizar certas tarefas. Ao passo que seu serviço parece ser primariamente na Terra, sua base está no céu. Gabriel está “diante de Deus” (Lucas 1:19), e os ministros para os pequeninos “veem a face de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 18:10). Lucas 15

reforça essa verdade por igualar “alegria no céu” com “alegria na presença dos anjos de Deus”. Novamente, a adoração do Cordeiro como Ele toma o rolo em Apocalipse 5 mostra que o céu continua sendo o lar dos anjos no futuro.

Santos do Antigo Testamento

Enquanto se concentram no domínio terrestre e na bênção, Moisés e os profetas apenas vagamente se referem ao céu. No entanto, o Novo Testamento nos dá mais luz. Somos informados de que esses fiéis desejavam uma terra melhor, celestial (Hebreus 11:16). Em Lucas 16, o Senhor Jesus descreve um paraíso onde Abraão e Lázaro desfrutam de conforto, e, em um contexto celestial, nos conta sobre os espíritos dos justos que já estão lá (Hebreus 12:23).

Levantam-se perguntas sobre se esses santos atualmente têm ou não corpos, e há debates sobre a existência de um “hades de dois compartimentos” onde eles moraram até a ressurreição de Cristo. Rejeitamos esses pontos. Considerando tudo isto, pode-se verificar que os espíritos dos crentes do Antigo Testamento foram imediatamente para o céu após sua morte e permanecem lá até sua ressurreição corporal no final da grande tribulação.

Santos da era da igreja que morrem

O último dia de triunfo pessoal para nós será quando recebermos os nossos corpos transformados (2 Coríntios 5:1-2). Mas o que acontece com aqueles que morrem antes desse arrebatamento vitorioso? Em 2 Coríntios 5, lemos que um cristão está imediatamente “em casa” com o Senhor após a morte. Mais uma vez, estamos lidando com o que a maioria acredita ser o nosso espírito sem o nosso corpo. Em comparação com a vida nesta terra amaldiçoada, a perspectiva de deixar este mundo e estar com Cristo é “muito melhor” (Filipenses 1:23).

Quem estará lá no futuro?

Membros da Igreja que não morrerão

Logo chegará o dia em que os santos do NT que morreram serão “revestidos” de corpos ressuscitados, e aqueles que nunca morreram serão mudados (2 Coríntios 5:4; 1 Coríntios 15:51). Então a Igreja estará junta no céu, cada um de nós tendo um corpo imortal e incorruptível.

Mártires da Tribulação

Um estudo cuidadoso pinta a primeira metade da tribulação como um tempo específico de martírio. O Senhor Jesus enfatiza que no “princípio das dores” muitos israelitas fiéis serão afligidos e mortos (Mateus 24:8,9). Mas para onde vão os espíritos desses crentes? Apocalipse 6 mostra essas almas no céu implorando por justiça e sendo instruídas a descansar até o cumprimento do número de mártires. Eles permanecem no céu até sua ressurreição corporal no final do Tempo da Angústia de Jacó.

Duas Testemunhas

Nossa consideração final é esse par de testemunhas, de que fala Apocalipse 11 e se situa na tribulação. Após 1260 dias de testemunho, seus cadáveres jazem mortos na rua por três dias e meio. Então, no poder de Deus, eles são ressuscitados e chamados ao céu, causando medo em todos aqueles que olham. Outros artigos tratarão desse tópico celestial à medida que o programa de Deus para o universo continuará a se desenrolar. O céu se tornará mais intimamente conectado com a terra à medida que o reino de Cristo for estabelecido e o estado eterno for finalmente estabelecido. Mas para nós, amados, lembrem-se: se o nosso coração está verdadeiramente voltado para Ele em glória, então certamente o nosso lar é onde está o coração (Colossenses 3:1-2).

RESSURREIÇÃO

Olhando para trás, para a nossa conversão, provavelmente o pensamento mais dominante era como escapar ao juízo justo de Deus pelos nossos pecados. Além disso, foi com o coração profundamente agradecido que encontramos a salvação através da fé em Cristo. Desde então, temos vindo a apreciar cada vez mais o fato de não só termos sido salvos das terríveis e merecidas consequências do nosso pecado, mas também de termos sido trazidos para as bênçãos eternas através de Cristo e em Cristo. Uma das mais doces é o fato de que, quando esta vida na terra terminar, iremos estar com Ele no céu.

Mas há um duplo problema: em primeiro lugar, porque, embora os nossos pecados estejam perdoados e tenhamos a certeza de estar no Céu, não podemos ir para lá no nosso corpo, tal como é constituído atualmente. Em segundo lugar, para aqueles que morreram, embora a sua alma já esteja no céu, o seu corpo foi para a corrupção num túmulo. Assim, é necessária uma mudança para garantir que o espírito, a alma e o corpo estejam preparados para o novo reino de serviço no céu com Cristo. Neste artigo, analisaremos a forma como estes dois problemas foram resolvidos.

O problema delineado

Os que estão vivos

Quando nascemos, recebemos corpos adequados ao mundo em que vivemos, corpos que, devido ao pecado, dependem do tempo e são mortais ou frágeis (isto é, sujeitos à morte). Por isso, lemos: “Porque certamente morreremos” (2 Samuel 14:14).

Nestes corpos naturais, temos a imagem de Adão, que foi feito do pó da terra, com

um corpo terreno adequado à vida na terra, mas, devido à queda, incapaz de existir na atmosfera perfeita e santa do Céu. Como nada de impuro pode entrar lá, nossos corpos mortais da terra estão assim excluídos.

Os que morreram

No caso dos que morreram, o corpo terrestre corrompe-se rapidamente, como nos recorda Paulo: “Semeia-se o corpo na corrupção” (1 Coríntios 15:42). E prossegue descrevendo o sepultamento do corpo natural como em desonra e fraqueza (v. 43-44), e declara “que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus” (v. 50).

O problema superado

Assim, temos cristãos vivendo em corpos mortais e cristãos que já partiram e deixaram para trás seus corpos mortos e corrompidos. Que momento será a vinda do Senhor aos ares para os Seus santos, quando ocorrerá a grande mudança, ou transformação, necessária para o nosso pleno gozo do céu. É isso que ocupa a mente do apóstolo ao desvendar o mistério dessa mudança nos versículos restantes de 1 Coríntios 15:51-58.

É uma mudança inclusiva

O apóstolo primeiro afirma que, embora nem todos morram (ou como ele chama, durmam), todos experimentarão essa mudança. Não há um só cristão, desde o início da Igreja no Pentecostes até o momento da volta de nosso Senhor, que esteja excluído deste grande momento dinâmico e dramático. Paulo diz: “Todos seremos transformados” (v. 51).

É uma mudança instantânea

Paulo explica ainda o momento dessa mudança como acontecendo “num

momento, num abrir e fechar de olhos” (v. 52). Um momento é uma unidade de tempo indivisível, algo que não pode ser subdividido em algo menor; é daí que vem a palavra “átomo”. O piscar de um olho é o movimento quase indiscernível de uma pestana. Assim, esta mudança ocorrerá de forma tão repentina e rápida que não perceberemos o seu acontecimento, apenas de que aconteceu. Em relação à sequência desta mudança, Paulo fornece mais pormenores na sua primeira carta aos Tessalonicenses: “Os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares” (4:16-17).

É uma mudança irreversível

O apóstolo então diz o seguinte sobre a mudança para aqueles cujos corpos se corromperam: eles “ressuscitarão incorruptíveis” (v. 52) e se revestirão da incorruptibilidade” (v. 53). O corpo que foi semeado na corrupção terá uma nova constituição, imperecível e eterna. Ele será reunido com a alma que partiu na morte, para nunca mais se separar. Foi Jó que compreendeu um pouco desta mudança, quando disse: “E depois de consumida a minha pele, ainda na minha carne verei a Deus” (Jó 19:26).

Em relação a nós que estamos vivos, que “ficarmos vivos para a vinda do Senhor” (1 Tessalonicenses 4:15), Paulo diz aos Coríntios que “isto que é mortal se revestirá da imortalidade”. Isso significa que aqueles

que estavam em corpos limitados pelo tempo, sujeitos à morte, serão transformados em corpos eternos e imortais.

Com estas duas mudanças vitais tendo ocorrido, tanto os santos vivos como os santos que morreram em Cristo agora ressuscitados estão aptos para encontrar o Senhor nos ares, para serem transportados para a glória, e “assim estaremos para sempre com o Senhor” (v.17).

É uma mudança incompreensível

É difícil compreender a magnitude e a magnificência desta transformação. Paulo tinha encorajado os cristãos filipenses a serem mais semelhantes a Cristo quando disse: “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus...” (Filipenses 2:5). No capítulo seguinte, recorda-lhes que a sua cidadania está nos céus, “de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme ao seu corpo glorioso” (3:20-21). Não é de admirar que Paulo eleve a doxologia triunfante na sua carta aos Coríntios e a conclua com uma ação de graças: “Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 15:57).

É uma mudança que incentiva

Se o coração de Paulo foi tocado ao transmitir aos coríntios a maravilha da transformação que está à frente quando o Senhor vier, ele mostra no final deste capítulo (v. 58) que deve haver um impacto de tal realização. Há três injunções em relação à obra do Senhor, que se eles (e nós) as cumprirem, nosso trabalho não estará em vão.

Dada a iminência do retorno do Senhor e o impacto que terá, eles deveriam ser firmes (ou firmes), imóveis (ou firmemente mantidos), e estar sempre ou em todos os momentos abundando ou aumentando no trabalho do Senhor.

*É difícil compreender a
magnitude e a magnificência
desta transformação.*

Neste artigo, nosso foco será o Tribunal de Cristo. De acordo com o Novo Testamento, é lá que nosso serviço será avaliado, recompensado e compensado.

Uma ocasião separada

Há uma série de julgamentos revelados no NT. Eles têm caráter de sessão devido ao fato de ocorrerem diante de um trono, no qual o Senhor Jesus se assentará. Eles são bastante distintos em vários aspectos e, como cristãos, precisamos distinguir entre cada um deles. Eles são distintos no tempo, na forma de julgamento, no local onde cada um ocorre e em relação àqueles que serão julgados.

O Tribunal de Cristo

O Tribunal de Cristo ocorrerá após o arrebatamento da Igreja, e somente aqueles que são cristãos estarão presentes. Seu propósito é a avaliação de nosso serviço; as coisas que fizemos por Cristo serão revisadas e recompensadas. Embora a localização do Tribunal de Cristo não seja revelada nas Escrituras, sabemos que ele ocorrerá após o Arrebatamento e que os efeitos serão visíveis na manifestação do Senhor Jesus. Observamos que a Igreja é vista vestida “de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justças dos santos” (Apocalipse 19:8). Isso nos mostra que a avaliação ocorrerá antes da manifestação de Cristo em Sua glória. Com relação ao caráter do julgamento, ele não é para tratar de nossos pecados - eles foram tratados no Calvário. Cristo suportou a penalidade deles em Seu próprio corpo e satisfaz as exigências de Deus. Nós nos beneficiamos disso no momento da conversão; nossos pecados foram perdoados e passamos a ter um relacionamento com Deus. Não haverá julgamento penal para nós naquele dia.

O julgamento das nações vivas

Esse julgamento é diferente do mencionado

anteriormente. Ele ocorrerá na Terra, e o Senhor Jesus, tendo sido manifestado em Seu poder, se assentará “no trono da sua glória” (Mateus 25:31). Isso ocorrerá antes do estabelecimento de Seu reino. Diante dEle, todas as nações se reunirão, os que são salvos e os que não são salvos. Eles serão separados em dois grupos: as ovelhas à Sua direita e os bodes à Sua esquerda. As ovelhas serão recebidas em Seu reino na Terra, mas os bodes serão banidos para o fogo eterno; a atitude deles em relação a Cristo determinou seu destino. Aqueles que O aceitaram pessoalmente (e provaram isso servindo-O) têm um lugar reservado para eles em Seu reino. Os bodes são aqueles que rejeitaram Cristo e as pessoas ligadas a Ele.

O julgamento do Grande Trono Branco

Esse é o julgamento final das Escrituras e é muito diferente dos dois julgamentos mencionados anteriormente. Somente os salvos estarão presentes no Tribunal de Cristo; tanto os salvos quanto os não salvos estarão diante de Cristo no julgamento das nações vivas. Nesse julgamento final, somente os não salvos serão julgados no Grande Trono Branco. No Tribunal de Cristo, os cristãos que morreram e os que estão vivos (tendo sido arrebatados e transformados) se apresentarão para prestar contas. Aqueles que viveram durante a tribulação estarão no julgamento das nações vivas. O contraste com o Grande Trono Branco é que ele envolve os que morreram e não foram salvos. Assim como os dois julgamentos anteriores, esse julgamento se baseia e leva em conta as obras daqueles que se apresentam diante do Senhor (Apocalipse 20:12,15). Ele ocorrerá no espaço, pois tanto o céu quanto a terra fugiram da face e da majestade do Senhor Jesus, aquele que está sentado no trono.

Uma ocasião solene

Por mais que nos regozijemos com o fato de que

nossos pecados não serão levados em conta no Tribunal de Cristo, essa ainda será uma ocasião séria. Nossa vida, nosso serviço, nossas ações e o que fizemos em nosso corpo serão levados em conta e serão analisados pessoalmente naquele dia.

Nossas atitudes

Na Epístola aos Romanos (14:1-13), aprendemos sobre problemas interpessoais entre os cristãos. Havia alguns que tinham consciência de que comiam certos alimentos e outros para os quais isso não era um problema. Esse fato gerou problemas interpessoais e fez com que os cristãos desprezassem uns aos outros. Paulo corrigiu isso lembrando-os de que eles estarão no Tribunal de Cristo e terão de prestar contas da atitude que tiveram em relação aos outros cristãos. “Por que julgas teu irmão?” (v. 10).

Nossas atividades

Como cristãos, todos nós somos construtores, edificando nas igrejas locais em que temos comunhão (1 Coríntios 3:10-15). Nesse contexto, fica claro que aqueles que têm um ministério de ensino entre os santos são os principais visados. Paulo havia estabelecido um alicerce em Corinto; ele fez isso pregando o evangelho. Sobre esse alicerce doutrinário, outros que faziam parte da igreja estavam construindo. Aprendemos sobre uma variedade de coisas que podem ser edificadas: ouro, prata, pedras preciosas ou madeira, feno e palha. Há uma diferença entre esses materiais quanto ao custo, ao caráter, à construção e também à combustibilidade. O que é valioso e caro resistirá à majestade do olhar de Cristo e será recompensado por Ele. Precisamos desafiar nosso coração: O que estamos construindo na igreja de Deus? Ele resistirá ao teste daquele dia vindouro ou será consumido?

Nossos objetivos

O objetivo de todo o nosso serviço é agradar ao Senhor Jesus. Naquele dia, todo cristão terá “de Deus o louvor” (1 Coríntios 4:5). Todos nós consideramos um privilégio estarmos ligados a Cristo, e sentimos nossas fraquezas e deficiências; parece que fazemos muito pouco. Nossas obras (visíveis ou não), nossos pequenos

gestos particulares ou nossa atividade no serviço público serão levados em conta. Cristo avaliará cada aspecto no dia de glória que virá.

Nossa responsabilidade

Um dos motivos pelos quais o Tribunal de Cristo será uma ocasião solene e de investigação é que prestaremos contas verbalmente ao Senhor Jesus. Os pastores farão isso; o escritor de Hebreus nos lembra do dia em que os que cuidam e trabalham no rebanho prestarão contas (Hebreus 13:17). A palavra usada nessa passagem é uma prestação de contas que alguém dá por palavra. Juntamente com os pastores, prestaremos contas de nossa administração e do que fizemos por Ele (Romanos 14:12).

Nossa aceitabilidade

Seremos aceitáveis ao Senhor Jesus (2 Coríntios 5:9,10). No que diz respeito às obras que foram feitas em nosso corpo, seremos aceitáveis ou agradáveis a Ele. Ele terá prazer em nós e em nosso serviço. Sua avaliação será conhecida por nós, e seu resultado, em termos de recompensa, será conhecido por todos.

O escopo da ocasião

Estaremos diante do Senhor Jesus como indivíduos. Isso fica claro nos capítulos mencionados acima. Embora a ênfase em relação ao Tribunal de Cristo seja muito diferente em Romanos 14, 1 Coríntios 3, 1 Coríntios 4 e 2 Coríntios 5, um tema consistente é observado: “cada” ou “todos” é mencionado em todos esses capítulos. Ao contrário do que alguns pensam, não será como grupos ou empresas que estaremos diante de Cristo, mas como indivíduos. O escopo desta ocasião, embora trate de indivíduos, terá impacto em meu lugar na glória vindoura do reino do Senhor Jesus. Minha fidelidade no presente determinará meu lugar na era vindoura, quando Ele estará no trono (2 Pedro 1:11).

Nós O veremos e estaremos diante Dele, e prestaremos contas pessoalmente a Ele. Isso é muito desafiador e deve servir como um impulso em nossa vida para que vivamos para a Sua glória, sirvamos a Ele e demos o melhor de nós mesmos em Suas coisas.

CONHECEREMOS UNS AOS OUTROS NO CÉU?

As Escrituras não respondem diretamente a esta pergunta, mas nos dão várias razões para estarmos confiantes de que nos conheceremos uns aos outros no Céu. As aparições do Senhor ressuscitado são uma pista significativa. Com exceção das ocasiões em que a Sua pessoa foi miraculosamente escondida (por exemplo, no caminho de Emaús, em Lucas 24:16), as pessoas reconheceram claramente o Senhor ressuscitado. Os nossos corpos de ressurreição serão como o Seu corpo de ressurreição, pelo que é de esperar que a nossa identidade seja tão clara como foi a do Senhor.

Outro acontecimento relacionado com esta questão é o Monte da Transfiguração (Mateus 17; Marcos 9; Lucas 9). Apareceram com o Senhor Moisés e Elias. Apesar do fato de estes dois homens terem vivido aproximadamente 1.500 (Moisés) e 900 (Elias) anos antes deste acontecimento, as palavras de Pedro mostram que ele sabia quem eram os dois homens. Não há nada na passagem que indique que o Senhor disse aos discípulos quem eram Moisés e Elias, indicando assim que, de alguma forma, a sua identidade pessoal emanava deles. Juntamente com o fato de esta experiência ser uma prefiguração da glória do Reino (cf. Mateus 16:28; 2 Pedro 1:16-18), esta é mais uma indicação de que conheceremos pessoas na glória.

As palavras do apóstolo Paulo noutros lugares do Novo Testamento indicam um reencontro com os santos que conheceu na terra, o que não seria particularmente notável se não fosse o fato de nos conhecermos uns aos outros no Céu. Em 2 Coríntios 4:14,

por exemplo, ele diz: “Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus e nos apresentará convosco.” Novamente, quando a igreja tessalonicense estava preocupada que os entes queridos, que haviam morrido em Cristo, perderiam o reino, Paulo os encoraja dizendo: “Nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares” (1 Tessalonicenses 4:17). No contexto, parte do encorajamento é que eles passarão por isso juntos, o que é particularmente significativo se ainda nos conhecermos uns aos outros.

Há outras Escrituras, semelhantes às anteriores, que apoiam ainda mais o argumento. O fato de que seremos aperfeiçoados como Cristo na Sua impecabilidade (Romanos 8:29; Filipenses 3:21) é uma razão adicional para estarmos confiantes de que nos conheceremos uns aos outros depois da morte. Possuindo mentes e corpos livres da influência corruptora do pecado, certamente não seremos menos inteligentes do que somos agora.

A perspectiva de nos reunirmos com entes queridos que partiram, bem como de encontrarmos cristãos do passado pela primeira vez, é emocionante. Mas o que nos entusiasma e cativa muito mais é ver o Senhor Jesus Cristo, que morreu pelos nossos pecados e foi à frente para preparar um lugar para nós. “Dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura” (1 Tessalonicenses 1:9-10).

RELACIONAMENTOS NO CÉU

As Escrituras não são muito explícitas sobre o que é o céu. Quando Paulo foi arrebatado ao terceiro céu, o que ele ouviu lá não podia ser dito. A maior parte do que “sabemos” sobre o céu é inferido, e isso é certamente verdade sobre a natureza dos relacionamentos lá. Vamos considerar três categorias principais de relacionamentos celestiais.

O nosso relacionamento com as Pessoas Divinas

A coisa mais maravilhosa sobre o céu é que as pessoas divinas o compartilharão conosco. As Escrituras estão repletas de referências ao profundo desejo de Deus de estar em relação conosco. O Gênesis descreve a criação do jardim paradisíaco que Deus visitava diariamente para desfrutar da comunhão com Adão e Eva. Apesar da tragédia da queda, esse quadro é desenvolvido no Apocalipse, onde Deus habita eternamente numa cidade paradisíaca com os Seus redimidos.

As representações celestiais no Apocalipse estão de acordo com a oração sacerdotal de nosso Senhor. Lá, Ele definiu de forma sublime a vida eterna: “A vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17:3). Orou para que aqueles que o seu Pai lhe tinha dado do mundo “sejam um, como nós somos um, eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade”, e continuou: “Pai, aqueles que me deste, quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo” (v. 22-24).

Todo o panorama bíblico diz respeito ao fato de Deus se mover no tempo para cumprir

o seu propósito eterno de nos colocar em perfeita relação com Ele. Para esse fim, o apóstolo Paulo explicou que a nossa salvação foi para cumprir o bom prazer de Deus que, pela predestinação para a adoção, deveríamos estar em relação com Ele como filhos (Efésios 1).

Na nossa relação de filhos está implícita não só a intimidade eterna como filhos de Deus, mas também a dignidade de sermos seus herdeiros com Cristo (Romanos 8). Além disso, teremos a honra de sermos servos de Deus: “Os seus servos o servirão. E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome” (Apocalipse 22:3-4). Servir a Deus não é uma coisa humilhante e servil. Pelo contrário, Hebreus 3 explica que Moisés era digno de glória como servo na casa de Deus. De quanta mais glória serão considerados dignos aqueles que servem na Sua casa celestial!

O Espírito Santo usa muitas metáforas para descrever a nossa relação com o Senhor Jesus. Ele é o nosso Salvador, Redentor, Pastor e Grande Sumo Sacerdote. Que bom que o nosso Senhor não se envergonha de nos chamar irmãos (Hebreus 2:11). Quando formos finalmente conformados à Sua imagem, então Ele será manifestamente o primogênito entre muitos irmãos (Romanos 8,29). No entanto, no momento do arrebatamento, Cristo, a nossa Cabeça, que Se entregou por nós, virá reclamar o Seu Corpo-Noiva e, por toda a eternidade, seremos “a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efésios 1:23).

O nosso relacionamento com os anjos e outros seres criados

Hebreus 2 amplifica a verdade do Salmo 8, segundo a qual Deus sempre pretendeu

que a humanidade estivesse acima de todas as obras das Suas mãos. Deus inverteu temporariamente o Seu plano final e tornou Adão mais baixo do que os anjos. Foi neste estado de humildade que Cristo se encarnou. No entanto, após a Sua ressurreição e ascensão, foi exaltado à posição para a qual estava destinado - “muito acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste mundo, mas também no vindouro” (Efésios 1:21).

De acordo com o ensino do Senhor Jesus de que no “novo mundo” aqueles que O seguissem se assentariam em doze tronos julgando as doze tribos de Israel (Mateus 19:28), Paulo lembrou aos coríntios que na futura ordem de Deus eles teriam a honra de administrar os anjos e o resto do mundo. Portanto, não era apropriado levar os seus assuntos uns contra os outros a um tribunal humano.

O nosso relacionamento com os outros cristãos

Nossos relacionamentos uns com os outros no céu não serão os mesmos que na Terra. Desafiado pelo cenário pouco plausível de uma mulher casada consecutivamente com sete irmãos, o Senhor não rejeitou a noção de quaisquer relações no Céu, mas afirmou antes que não seriam as mesmas que aqui na Terra. Muitas das figuras do Novo Testamento implicam comunidade e relacionamento - membros mútuos do corpo, ovelhas no rebanho, filhos na família - e parece improvável que o Espírito Santo usasse tais metáforas se elas fossem imediatamente redundantes após a conclusão da nossa salvação.

Paulo falou do fato de, doravante, não conhecer ninguém segundo a carne (2 Coríntios 5:16). Embora continuasse a ser um humano caído, tinha agora uma forma inteiramente nova de se relacionar com as pessoas (incluindo Cristo) pelo Espírito. Por fim, todos os nossos relacionamentos serão

transformados, pois a maneira como nos consideramos uns aos outros será elevada acima dos modos temporais e pecaminosos da Terra.

“Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta... seremos transformados” (1 Coríntios 15:51-52). As relações que estão atualmente tensas devido à nossa pecaminosidade serão gloriosamente sustentadas por um Espírito não entristecido e pela nossa ambição singular de glorificar a Deus. Rivalidade e ambição egoísta, expectativas não cumpridas e promessas quebradas, palavras descuidadas (e aquelas calculadas para ferir), mal-entendidos, motivos mal julgados, ansiedade, medo, culpa e vergonha - tudo isso desaparecerá para sempre num momento glorioso!

Assim, com uma perspectiva tão alterada, cada um de nós estará de bom grado de acordo com a avaliação do nosso Senhor no Tribunal, onde cada palavra e ação serão avaliadas. Ele trará à luz a história completa - cada fator contributivo, com cada motivo e circunstância atenuante (1 Coríntios 4:5). Com a nossa redenção completa, cada situação examinada e cada ferida curada, sairemos do Tribunal em perfeita harmonia.

Não haverá nada para dividir. Mesmo agora, no reino espiritual, não há diferenças étnicas, sociais ou de gênero, mas Cristo é tudo e está em todos (Colossenses 3:11). Isso será perfeito e permanente quando finalmente chegarmos ao céu.

Porque é que isto é importante? Antecipando a realização certa do futuro propósito de Deus, Pedro diz: “Havendo, pois, de perecer todas as coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade” (2 Pedro 3:11).

Que daqui em diante vivamos à luz do que seremos naquele dia!

Será que os santos no céu sabem o que está acontecendo aqui na terra? E se sim, será que isso não diminui a alegria e a felicidade do céu? Várias Escrituras indicam que os cristãos que morreram e foram para o céu têm, de fato, alguma consciência dos acontecimentos terrenos.

Consideremos, **em primeiro lugar**, o conhecimento de Samuel dos acontecimentos na vida de Saul, quando o seu espírito foi contatado em 1 Samuel 28. Em vez de dizer a Saul que ele está morto há muito tempo e, portanto, não sabe nada sobre sua vida desde que ele faleceu, Samuel diz: “O SENHOR tem feito para contigo como pela minha boca te disse, e o SENHOR tem rasgado o reino da tua mão, e o tem dado ao teu companheiro Davi” (1 Samuel 28:17). Além disso, Samuel continua dizendo o que aconteceria no futuro, não apenas a Saul, mas ao povo de Israel: “E o Senhor entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo” (v. 19). Samuel sabia bastante sobre os acontecimentos terrenos em Israel - o que tinha acontecido e o que estava para acontecer.

Devemos notar, **em segundo lugar**, o que o Senhor Jesus disse sobre o céu em Lucas 15. Ele saberia como é o céu, pois veio do céu. Diz-nos primeiro que “haverá... alegria no céu por um pecador que se arrepende” (v. 7), e depois acrescenta: “Há alegria diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (v. 10). Note-se que não diz que a alegria pertence a uma pessoa ou a um grupo específico no céu. Mas os paralelos nas histórias da ovelha perdida e da moeda perdida sugerem que a alegria no céu é tanto

de quem encontra quanto daqueles que são “amigos e vizinhos”. A implicação é que o achador, o próprio Senhor, se alegra junto com toda a corte do céu quando um pecador se arrepende. Sem dúvida, os santos no céu percebem quando um pecador perdido é salvo.

Um terceiro texto relevante das Escrituras encontra-se no contexto dos futuros dias da tribulação. João escreve sobre o que vai acontecer e vê-o como se já tivesse acontecido. Na visão de João da ira vindoura, ele vê o Cordeiro, o Senhor Jesus Cristo, abrir os sete selos do rolo, cada um dos quais inicia um julgamento sobre a terra. Diz-se que a cena se passa “no céu” (Apocalipse 4:1,2). “Havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram” (6:9). Note que esses indivíduos foram “mortos”. Eles haviam morrido, provavelmente durante os primeiros dias do período da tribulação. O fato de terem sido “mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram” indica que são santos. Assim, estamos considerando os cristãos no céu. O versículo seguinte revela o seu conhecimento dos acontecimentos terrenos: “Eles clamavam em alta voz: “Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? (v. 10). Estes mártires percebem que aqueles que os mataram continuam vivos na terra e clamam ao Senhor por justiça.

O nosso último texto de prova vem também do último livro da Bíblia. Depois disto, ouvi o que parecia ser a voz alta de uma grande multidão no céu, clamando: “Aleluia!

*Ficaremos
maravilhados com
a beleza de nossa
nova morada.
E, acima dessa
beleza, “a beleza do
Salvador deslumbrará
todos os olhos”.*

Salvação, e glória e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos; pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos” (Apocalipse 19:1-2). Os habitantes do céu festejam a destruição de Babilônia na terra (registrado no capítulo anterior), um acontecimento de que estão bem conscientes.

Depois de analisar esses quatro incidentes, não devemos concluir que os santos no céu sabem tudo o que acontece na terra, apenas que pode ser a vontade de Deus que eles estejam cientes de eventos específicos.

Muitas vezes é colocada a questão de que, se vamos estar cientes dos eventos terrenos no céu, saberemos sobre os entes

queridos que morreram e foram para o inferno? Como é que poderemos desfrutar verdadeiramente do céu sabendo que os nossos entes queridos estão perdidos para sempre? Há duas coisas para considerar aqui. Uma é que no céu os nossos espíritos serão aperfeiçoados e veremos as coisas de uma perspectiva diferente, de fato uma perspectiva divina. Compreenderemos mais plenamente a santidade de Deus, o pecado humano e o que realmente significa rejeitar o Salvador. Outro detalhe para considerar que pode ser útil para nós se encontra em Isaías 65:17: “Porque eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão”. É certo que Isaías está olhando para o futuro, para além da nossa atual dispensação. Mas pode haver um princípio aqui que se aplica a todos os crentes que estão no céu agora ou que estarão. Talvez existam algumas coisas que o Senhor simplesmente não permitirá que “venham à mente” e que “não serão lembradas”.

Seja o que for que Deus nos permita perceber sobre a Terra quando estivermos no céu, estaremos em condições de lidar com isso. Mas o nosso foco no céu provavelmente será mais o céu do que o que está acontecendo na terra. Vamos nos regozijar por estarmos reunidos com os nossos entes queridos. Apreciaremos nossos espíritos glorificados, incapazes de entristecer o Senhor novamente. Desfrutaremos de uma comunhão íntima e ininterrupta com o povo de Deus. Ficaremos maravilhados com a beleza de nossa nova morada. E, acima dessa beleza, “a beleza do Salvador deslumbrará todos os olhos”. Nosso centro de atenção e atração para a eternidade será Aquele que tornou o céu uma realidade, tendo comprado nossa entrada lá por Seu próprio sangue precioso.

REBELIÃO, REGRESSO E RETRIBUIÇÃO

A Rebelião

A Trindade do Mal

Algum tempo depois do Arrebatamento, aparecerá em cena um homem de consumada habilidade diplomática, possuidor de uma personalidade carismática. Ele surgirá do meio do mar de nações. Juntamente com ele, surgirá um “falso profeta” (Apocalipse 13), proveniente da nação de Israel, que seduzirá os homens com os seus poderes miraculosos, levando-os a adorar a imagem da primeira besta. O mundo ocidental saudará a chegada deste líder mundial e depositará todas as suas esperanças na sua capacidade de trazer paz e segurança. A estes dois homens junta-se Satanás (vv. 2,4), que os energiza e catapulta para a proeminência. Assim, eles formam uma trindade do mal, um desafio à trindade da Deidade. Satanás, o grande falsificador, apresentará ao mundo a sua obra-prima de engano. A linguagem do Salmo 2 capta também a atitude dos homens durante esse tempo. O mundo aclamará este homem, o Homem do Pecado, como o único deus de que precisam. A rebelião que nasceu no coração humano desde o Éden vai se expressar em toda a sua hedionda realidade.

O Tratado

De uma forma que atualmente nos é ocultada, a besta garantirá a segurança de Israel e estabelecerá um pacto com eles para esse fim (Daniel 9:27). Provavelmente incluirá a possibilidade de reconstruir o seu templo. Aparentemente, a paz terá chegado ao Oriente Médio através da estratégia e da habilidade desta Besta. Mas quando todo o mundo pensa que a paz e a segurança

finalmente chegaram, os acontecimentos de Apocalipse 6 começam a se desenrolar. O céu já não está em silêncio! A ordem para “vir” é dada e o primeiro cavaleiro aparece em cena.

A Tribulação

A expressão “o Dia do Senhor” é encontrada cerca de 30 vezes nas Escrituras. Por vezes, pode ter um contexto imediato mas geralmente se refere a um tempo em que Deus voltará a lidar diretamente com o pecado e os pecadores no planeta Terra. Isso parece começar no momento em que um dos seres vivos diz: “Vem, e vê” (Apocalipse 6:1). Provavelmente se estenderá pelo período da tribulação e pelo reinado milenar de Cristo, concluindo com os eventos mencionados em 2 Pedro 3:10. É um dia de ira (Apocalipse 6:17) para os habitantes da Terra. Incluirá a perseguição dos judeus fiéis, bem como daqueles que forem alcançados por meio do seu testemunho. Mas, principalmente, é Deus falando aos homens na Terra e mostrando a Sua justa retribuição pelos seus caminhos pecaminosos. Nunca se viu nada igual na Terra. Os pormenores do horror desse dia estão para além do âmbito deste artigo, mas não se comparam a todos os horrores das guerras que este mundo já viu.

O Regresso

A Aparição

As nuvens escuras e os tons sombrios dos capítulos anteriores do Apocalipse são subitamente quebrados pelo “aparecimento em glória” que despontará sobre o mundo,

conforme descrito em Apocalipse 19. Um súbito “aleluia” anuncia a chegada do Rei dos reis e a aurora de um novo dia. A adoração volta a ocupar a nossa visão, enquanto somos exortados a louvar a Deus (v. 5) pelo seu justo juízo e pelo advento das Bodas do Cordeiro.

A Adoração

Os quatro “aleluias” que se seguem em procissão (vv 1,3,4,6) referem-se ao justo julgamento de Deus sobre a Besta, o Falso Profeta e a Babilónia. A adoração pela Sua justiça, majestade, poder e domínio enche os céus. Durante milênios, os homens desafiaram a própria existência de Deus por causa do Seu suposto silêncio perante o mal, mas agora Ele surgiu e respondeu a todas as blasfêmias dos homens e a todos os desafios dos cépticos.

Os que se associam a Ele

Acompanhando o Senhor e ao Seu lado está a Sua Noiva, a Igreja. Durante o período de sete anos de tribulação, ela não esteve na terra para suportar toda a sua ira; ela esteve no céu. É o cumprimento da promessa do Senhor de nos guardar do dia da tribulação que está prestes a cair sobre toda a terra (3,10). A isto junta-se a garantia do Espírito Santo em 1 Tessalonicenses. Estamos à espera do Senhor Jesus, nosso libertador da ira vindoura (1:10). Além disso, não fomos designados para a ira, mas para alcançar a salvação por meio de nosso Senhor Jesus (5:9). A “ira” quase sempre se refere ao julgamento de Deus no tempo e não na eternidade. Nas Escrituras citadas, refere-se ao “grande dia da sua ira” (Apocalipse 6:17) que virá sobre os habitantes da terra. É descrito de várias maneiras nas Escrituras: o tempo da angústia de Jacó (Jeremias 30:7), o Dia do Senhor (1 Tessalonicenses 5:2) e a Grande Tribulação (Mateus 24:21; Apocalipse 7:14), entre outros.

*É o cumprimento da
promessa do Senhor
de nos guardar do
dia da tribulação que
está prestes a cair
sobre toda a terra.*

A Sua Noiva descera do céu com Ele, pois foi lá que ela passou o período entre o Arrebatamento e a Sua volta para reinar.

Isso é ainda mais substanciado por uma consideração das próprias expectativas de Paulo. Em sua primeira carta, 1 Tessalonicenses, ele fala do Senhor Jesus como nosso libertador da ira vindoura (1:10), e depois, em sua revelação sobre a vinda do Senhor, fala de si mesmo entre aqueles que estão vivos e permanecem naquele momento (4:17). Ele não estava à espera do cumprimento de qualquer outra coisa, como o aparecimento do Homem do Pecado, a tribulação ou outros sinais. Mas para que ninguém acuse Paulo de não ter desenvolvido completamente a sua teologia, cinco anos mais tarde, ao escrever aos Coríntios, diz: “Nem todos dormiremos” (1 Coríntios 15:51). Um ano mais tarde, ele escreve de novo sobre o desejo de receber o seu novo corpo do céu. E talvez quatro anos mais tarde, ao escrever para a igreja de Filipos, ele disse: “de onde também

esperamos o Salvador... que transformará o nosso corpo..." (3:20-21). É claro que Paulo estava à espera da vinda iminente de Cristo e não da tribulação.

A Retribuição

A Cena

A cena descrita para nós quando o Senhor sai do céu é de majestade e poder. Ele vem para julgar e fazer guerra. Sobre a Sua coxa está escrito: "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Com Ele estão também os exércitos do céu. Mas eles não serão necessários para esta batalha; não se trata de uma batalha. Ele descerá ao monte das Oliveiras; o toque dos seus pés anunciará coisas maiores do que as pegadas que os homens deixaram na lua. O monte se dividirá e as alterações topográficas elevarão Jerusalém e farão dela também uma cidade portuária (Zacarias 14:3-9). A cidade que os homens pensavam estar madura para a colheita tornar-se-á uma pedra pesada para as nações (12:1-4), e o Senhor lutará pelo Seu povo e pela Sua cidade.

A Ceia

É feito um apelo a todas as aves do céu para que se reúnam para se banquetear com aqueles que serão mortos pela Palavra do Senhor. O resultado desta batalha está assegurado. Nenhum armamento ou estratégia será capaz de se defender do Senhor no dia da Sua ira.

A chacina

O que se segue é melhor descrito nas palavras das Escrituras: "E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta... estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo" (Apocalipse 19:20). Os remanescentes de seus exércitos serão mortos "com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo" (v 21). A batalha provavelmente terminará em instantes

e o vencedor sairá ileso e triunfante. O último membro dessa trindade maligna com quem Ele lidará será Satanás. Para realçar a impotência deste inimigo inveterado, o Senhor atribui a um anjo a responsabilidade de enviar Satanás para o abismo durante 1.000 anos!

Este poder aparentemente invencível, a Besta e o Falso Profeta e a sua confederação, serão despachados num instante pelo verdadeiro Soberano do Universo. Ele virá e os destruirá pelo esplendor da Sua vinda (2 Tessalonicenses 2:8). O amargo inimigo de Deus será banido durante 1.000 anos. Mas ele ainda tem um pequeno papel a desempenhar na revelação de Deus sobre o coração humano. Isso ocorrerá no final do reinado de 1000 anos do Senhor Jesus. Após as condições milenares ideais, Satanás será solto e encontrará prontamente aqueles dispostos a segui-lo e a rejeitar Cristo e todas as Suas bênçãos. A revelação de toda a depravação do coração humano será completa.

A Sessão

O último assunto a ser tratado antes do início do reino milenar é a sessão final do Rei em Seu trono, julgando as nações (Mateus 25:31-46). Os ímpios deixarão esse trono e entrarão nas trevas e no banimento eternos. Os justos entrarão no reino. Tudo então dá lugar ao Reino Milenar de nosso Senhor Jesus Cristo.

O grande plano e propósito de Deus para o Seu Filho e para a humanidade redimida estão prestes a ver o seu cumprimento no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador. O reinado milenar é apenas a porta de entrada para a vasta expansão eterna que não conhecerá fronteiras.

RESTAURAÇÃO E REINADO

A maldição e a criação

“Maldito serás mais que toda besta e mais que todos os animais... Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção... Maldita é a terra por causa de ti” (Gênesis 3:14-17). O que deve ter passado pela mente de Adão ao contemplar o idílico paraíso do Jardim do Éden, enquanto a voz do onipotente Criador lhe retirava o domínio, colocando cada aspecto da criação sob a maldição?

À medida que o Espírito Santo revela a Palavra de Deus, vemos que o desejo de Deus de incluir a criação na esfera do Seu reino não é uma coisa nova. O reino de Deus é atemporal, e compreendemos que o Seu Filho é o “Rei dos séculos, imortal, invisível”, Deus mesmo, o único que é sábio e a quem pertence a honra e a glória para todo o sempre! (1 Timóteo 1:17). No seu reino eterno, Deus introduziu seres angélicos de várias classes e capacidades (Colossenses 1:16; Ezequiel 28:14; Isaías 6:2; Lucas 1:19; Judas 9; Apocalipse 4:4-11). Inexplicavelmente, com todos os seus elevados privilégios, um terço de todo o mundo angélico seguiu Lúcifer na sua revolta contra o trono de Deus e, por conseguinte, na condenação eterna.

Voltando a Sua atenção para este universo, Deus começou a desenvolver o plano divino para estabelecer o Seu reino neste mundo, colocando um Homem coroado de glória e honra, juntamente com a Sua Noiva, para ter o domínio supremo sobre as obras das Suas mãos. Algo a ter em mente é que

Deus não tinha muitos planos diferentes, mas um grande propósito eterno. As expressões reino de Deus, reino dos céus, reino do Pai, reino do Filho do Seu amor, reino de Cristo e de Deus, e o reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo são sinônimos, muitas vezes utilizados indistintamente, e não falam de reinos diferentes, mas sim de aspectos variados de um único reino. Com a visão retrospectiva das Escrituras, compreendemos que Deus estava completamente ciente de que Adão iria falhar, sempre com a intenção de trazer o Segundo Homem, o Senhor do céu. Assim, Deus começou a revelar o Seu plano mestre, revelando-o através dos profetas, dispensação a dispensação, culminando na obra triunfante da cruz (Hebreus 1:1-3; 9:26).

Cristo e a criação

Ao deslocarmos-nos por este planeta, observamos os efeitos terríveis do pecado, enquanto a criação geme sob a escravidão da maldição. Nenhum de nós jamais viu uma folha de relva ou uma maçã perfeita. O fruto que Calebe, Josué e seus companheiros viram na terra prometida não era nada comparado ao que este mundo experimentará quando Cristo voltar e remover a maldição.

Primeiro, observe as extraordinárias mudanças geográficas quando a paisagem deste mundo for dramaticamente alterada durante os eventos cataclísmicos dos dias da tribulação. Vales serão levantados, montanhas e colinas niveladas (Isaías 40:4), ilhas desaparecerão no mar, capitais cairão

e Jerusalém será dividida em três partes (Apocalipse 16:19-20). Na volta de Cristo, o Monte das Oliveiras vai se dividir em dois, criando um enorme vale (Zacarias 14:4).

Em contraste com os fracos esforços da humanidade para impedir qualquer mudança climática, Cristo removerá a maldição e este mundo conhecerá uma verdadeira mudança ambiental. Cidades cheias de poluição e rios poluídos serão coisas do passado (Isaías 61:4; Ezequiel 36:33-36; 47:8-12). A seca não será conhecida, exceto para aqueles que se recusarem a subir a Jerusalém para adorar o Senhor (Zacarias 14:17). Junto com isso virá uma mudança botânica, com uma produção tal que, quando o agricultor estiver pronto para semear novamente, o ceifeiro ainda estará colhendo (Amós 9:13)! Vinhedos e campos de milho florescerão no topo e nas encostas das montanhas, e a abundância de capim exuberante fará com que as vacas leiteiras pastem continuamente nas colinas, fornecendo leite (Salmos 72:16).

Não haverá mais viagens para ver animais enjaulados em zoológicos, pois haverá uma mudança animal. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito; o bezerro, o leãozinho e o animal cevado juntos; e um menino pequeno os guiará. Com a mudança de instinto, a vaca e a urso se alimentarão juntas; as suas crias se deitarão juntas, e o leão comerá palha como o boi (Is 11:6-7; 65:25).

Esse reinado justo de Cristo causará uma mudança social, e finalmente a paz global será desfrutada (Isaías 11:1-5; Lucas 2:14). As mudanças físicas e biológicas humanas dissiparão a doença e a morte das crianças. A vida longa será a norma para os que nascerem e uma pessoa que morrer aos 100 anos será lamentada como uma criança (Isaías 65:20)!

As mudanças económicas anunciarão um tempo de prosperidade material, em que as

nações levarão os seus tesouros ao Senhor em adoração. A previdência social e o desemprego desaparecerão.

Finalmente, este mundo desfrutará de uma mudança política e eclesiástica. A vontade de Deus será perfeitamente expressa e executada na terra. “Naquele dia, se gravará sobre as campainhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR” (Zacarias 14:20). As escolas dominicais florescerão (Isaías 54:13) e não haverá adulto que nunca tenha ouvido falar do Senhor (Jeremias 31:34)! Aquele que se sentará no trono em Jerusalém não estará lá por voto democrático ou regra ditatorial, mas por direito divino, e será chamado “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9:6).

A Igreja e a criação

“O Céu para toda a eternidade”, ecoou o pregador, batendo na plataforma. Um sentimento bonito, talvez, mas teologicamente incorreto. Então, o que está reservado para a Igreja quando partirmos deste mundo? Conforme revelado em artigos anteriores, a Igreja aguarda a ressurreição, transformação e transporte para encontrar o Senhor nos ares! Experimentaremos não só o êxtase da reunião com os entes queridos, mas também a avaliação de Cristo da nossa vida cristã. Será lá que as coroas são dadas e as perdas são sofridas, onde a posição e a responsabilidade da administração no reino milenar são reveladas (cf. Mateus 19:28; Lucas 19:11-27; Romanos 14:10-12; 1 Coríntios 3:8-15; 4:2-5; 6:2-3; 9:24-27; 2 Coríntios 5:9-11; 1 Tessalonicenses 2:19-20; 2 Timóteo 2:12; 4:7-8; Tiago 1:12; 1 Pedro 1:7; 5:4; 2 Pedro 1:11; Apocalipse 2:26-27; 3:21).

Preparados física e espiritualmente para o reino milenar, entraremos no céu, extasiados com a cena dos seres angélicos entoando

cânticos de adoração a Deus e ao seu Filho. Finalmente, tudo o que o céu esperava chegou; o clamor duradouro de inúmeros santos por “venha o teu reino” é atendido. O Leão da tribo de Judá, o santo Cordeiro de Deus, está à frente; testemunhemos a coroação do Rei dos Séculos (Apocalipse 4-5)! Que solenidade quando nosso Senhor desencadeia o julgamento feroz da tribulação sobre um mundo ímpio (Apocalipse 6-18).

Chegando a Apocalipse 19:7, uma voz do trono exorta todos a se alegrarem e se regozijarem e a darem honra a Cristo, pois as bodas do Cordeiro são chegadas, e Sua esposa já se preparou. A união eterna de Cristo e Sua Noiva acontece e somente agora os amigos do Noivo (João 3:29) podem ser convidados a desfrutar da Ceia das Bodas do Cordeiro.

Em Lucas 22:14-30, o nosso Senhor afirma três vezes que ansiava pelo dia em que se sentaria no reino com os Seus discípulos, comendo e bebendo com eles. Em Mateus 19:28, Suas palavras são enfáticas: “Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.” O gozo de estar fisicamente com Cristo, reinando em Seu reino na Terra, é apenas para os discípulos ou é para toda a Igreja? Ouça a palavra inspirada para Laodicéia: “Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no meu trono” (Apocalipse 3:21). O Senhor diz a Tiatura: “Ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá” (2:26,27). Quando os cristãos de Corinto estavam discutindo sobre assuntos insignificantes, Paulo repreendeu-os, dizendo: “Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?... que havemos de julgar os anjos” (1 Coríntios 6:2,3).

Hebreus 1:2 declara que o Filho de Deus é o herdeiro designado de todas as coisas. Todas as coisas foram feitas por Ele e para Ele. Todas as coisas são d’Ele, não só por direito de criação, mas também por mérito redentor. Paulo nos informa que, antes da fundação do mundo, a Igreja foi escolhida em Cristo para participar nessa herança e nós, exclusivamente como Noiva de Cristo, somos “co-herdeiros” (Romanos 8:17; Efésios 1:4). A Bíblia deixa claro: o céu se abrirá e o Cristo recém-casado, acompanhado pela Sua Noiva vestida de branco, será revelado. Cristo descerá do céu, será glorificado nos Seus santos e admirado em todos os que crêem (2 Tessalonicenses 1:10; Apocalipse 19:14; 21:10). A profecia de Enoque de muito tempo atrás será finalmente cumprida: “Eis que é vindo o Senhor com milhares dos seus santos” (Judas 14). A criação aguarda com confiança que a maldição será tirada na manifestação dos filhos de Deus; e “quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com (grego sun, isto é, em união com) Ele em glória (Colossenses 3:4). Nós nunca deixaremos o Seu lado. O próprio Senhor prometeu “que onde eu estiver, estejais vós também” (João 14:3). Paulo, pelo Espírito, afirma: “Assim estaremos sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:17).

Até hoje, Deus não permitiu que ninguém vivesse mil anos (Matusalém viveu 969), mas seis vezes em Apocalipse 20 se afirma que o período do reinado de Cristo será de 1000 anos. O que Deus queria no princípio, terá no fim: um Homem com a Sua Noiva, reinando sobre a terra com supremo domínio.

O contexto

Novos céus e uma nova terra são mencionados quatro vezes nas Escrituras: duas vezes no Antigo Testamento (Isaías 65:17; 66:22) e duas vezes no Novo (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1). Lendo os dois versículos de Isaías em seu contexto, vemos que eles não estão falando da renovação completa e permanente após a dissolução de todas as coisas, mas da renovação parcial e temporária que ocorrerá no retorno do Senhor à terra. Nessas passagens, Isaías está descrevendo as condições durante o Milênio. Por exemplo, ele escreve sobre morrer (65:20), construir casas e plantar vinhas (65:21), ter filhos (65:23) e animais comendo (65:25), o que não acontecerá no estado eterno.

Assim, para considerar o nosso lar eterno, voltamos para as duas referências do Novo Testamento: “Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pedro 3:13); “E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Apocalipse 21:1). Pedro usa “céus” (plural), enquanto João usa “céu” (singular), e por isso alguns pensam que Pedro está escrevendo sobre os céus materiais, e João sobre o “próprio céu”, a morada de Deus. No entanto, enquanto no inglês cotidiano esta distinção é normalmente feita entre os usos singular e plural da palavra, no Novo Testamento grego o singular e o plural são ambos usados para os céus materiais. Por exemplo, na frase “fugiu a terra e o céu” (Apocalipse 20:11), “céu” é singular, mas claramente os céus materiais estão em vista. A morada de Deus

não fugirá, nem precisará ser renovada. Como sempre, é vital examinar o contexto e comparar Escritura com Escritura. Assim, em Apocalipse 21, bem como em 2 Pedro 3, é aos céus materiais que se faz referência.

A cronologia

Em 2 Pedro 3, Pedro descreve a história dos céus e da terra em três etapas: primeiro, “desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água” (v 5); segundo, “os céus e a terra que agora existem” (v 7); e terceiro, “novos céus e nova terra” (v 13). A primeira fase deu lugar à segunda no dilúvio, quando “pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio” (v 6). A passagem da segunda para a terceira (e última) fase se fará também por um cataclismo de origem divina, não pela água, mas pelo fogo: “Os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão” (v 10).

Essa conclusão culminante da história dos céus e da terra atuais acontecerá em conexão com o julgamento do Grande Trono Branco, para o qual a terra e até o mar entregarão os corpos dos mortos não salvos. João viu que “fugiu a terra e o céu” da face dAquele que estava no trono, “e não se achou lugar para eles” (Apocalipse 20:11-15). Esta é a dissolução dos céus e da terra atuais, a que se segue, no registro de João, “um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1).

O caráter

A terra pré-diluviana foi destruída porque “DEUS viu que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra” (Gênesis 6:5). Do mesmo modo, os céus e a terra atuais “se

reservam como tesouro e se guardam para o fogo, até o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios” (2 Pedro 3:7). Ao lermos estas coisas solenes, que alívio é saber que não será assim na nossa casa eterna, que será para sempre caracterizada pela justiça: “Nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (v 13). Atualmente, somos continuamente perturbados pela iniquidade que nos rodeia; quanto mais perturbador deve ser para um Deus santo. Mas não haverá nada disso nos novos céus e na nova terra.

A atual terra pós-diluviana mostra a evidência do pecado e da morte na anterior, por exemplo, no registro fóssil, mas a nova terra não terá. Todos os vestígios do pecado e seus efeitos terão sido erradicados pela dissolução da antiga e formação da nova. Além disso, enquanto as pessoas continuaram a viver em corpos pecaminosos após o dilúvio, a nova terra será povoada por aqueles que foram transformados para serem como o Senhor Jesus Cristo (Filipenses 3:20,21; 1 João 3:2). Além disso, não só o pecado estará ausente, mas não haverá sequer a possibilidade de ele entrar, ao contrário do que aconteceu na primeira fase da história da Terra. Portanto, nunca mais haverá necessidade de um julgamento. Que casa abençoada, segura e feliz nos espera!

As mudanças

“O que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas” (Apocalipse 21:5). Uma vez que nem sequer podemos imaginar como deve ser um tal lugar, onde tudo é novo, não é de estranhar que João chama a nossa atenção, em particular, para as coisas que estão agora aqui, mas que não estarão lá. Ele fala em termos de coisas materiais e imateriais, para cada uma das quais lemos as duas palavras “não mais”.

*Tudo o que nos
causa tristeza
agora será então
“as coisas antigas” e
“não mais existirá”.
Que conforto!*

No que diz respeito às coisas materiais, “não haverá mais mar” (v. 1). Isto é muito diferente da Terra atual, cuja maior parte está coberta de água. O mar é crucial para o funcionamento dos atuais céus atmosféricos e da terra, pelo que a sua ausência aponta para condições radicalmente diferentes. O fato de as Escrituras sublinharem esta única mudança tem, sem dúvida, um significado espiritual, pois o mar é utilizado simbolicamente nas Escrituras de muitas formas, por exemplo: “Os ímpios são como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas águas lançam lama e lodo. Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz” (Isaías 57:20,21). No mínimo, a ausência do mar é indicativa de um estado de paz perpétua, da inexistência de maldade e de inquietação.

Em relação às coisas não materiais, mas ainda assim reais, há também um abençoado “não mais”: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas” (Apocalipse 21:4). Estas palavras simples e belas não precisam de explicação. Tudo o que nos

causa tristeza agora será então “as coisas antigas” e “não mais existirá”. Que conforto!

A comunhão

A nossa morada eterna é descrita não apenas pelos seus “negativos”, mas por um glorioso “positivo”: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus” (v. 3). As palavras “tabernáculo” e “habitar” neste versículo são formas diferentes da mesma palavra, pelo que “com eles habitará” poderia ser traduzido por “com eles tabernaculará”. João usa a mesma palavra no início do seu Evangelho: “O Verbo se fez carne e habitou [tabernaculou] entre nós” (João 1:14). Aqueles que viram “a sua glória” foram muito privilegiados, mas eram relativamente poucos, experimentaram-na por um período limitado de tempo e a sua natureza decaída limitou a sua apreciação. Em contraste, naquele futuro eterno, todo o Seu povo estará com Ele e desfrutará de comunhão interminável com Ele, num estado glorificado! Certamente, essa será a maior bênção de todas naquele lugar!

Os cidadãos

Apocalipse 21:7 afirma que aquele que “herdará todas as coisas” é “quem vencer”. João afirma em outro lugar que o vencedor é “aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus” (1 João 5:5). Infelizmente, a única outra morada eterna é “o lago que arde com fogo e enxofre”, e é dada uma descrição daqueles que lá estarão eternamente: “os tímidos e os incrédulos...” (Apocalipse 21:8). A grande diferença entre esses destinos finais deve nos motivar a alcançar pecadores com o glorioso evangelho da salvação pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo, que se entregou para que eles pudessem viver eternamente com Ele. De fato, qualquer pessoa que esteja

lendo estas palavras e que ainda não tenha respondido ao convite é exortada, desde já, a confiar naquele que ainda mantém esta bendita promessa: “De graça lhe darei da fonte da água da vida” (v. 6).

As consequências

A consideração dos acontecimentos futuros deve ter sempre consequências práticas para nós, no presente. Em 2 Pedro 3, as mudanças que vão ocorrer estão diretamente associadas a exortações, às quais devemos prestar muita atenção: “Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade” (v. 11); “Aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz” (v. 14); “Sabendo isto de antemão, guardai-vos de que, pelo engano dos homens abomináveis, sejais juntamente arrebatados e descaiais da vossa firmeza. Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia da eternidade. Amém” (vv 17,18).

*“Eis aqui o tabernáculo
de Deus com os
homens, pois com eles
habitará, e eles serão
o seu povo, e o mesmo
Deus estará com eles,
e será o seu Deus.”*

PRONTIDÃO PARA O CÉU

Será que esta vida é tudo o que existe? O céu e o inferno são reais? Ou são simplesmente lugares imaginários, evocados nas mentes de pessoas religiosas? Se forem reais, podemos ter a certeza do nosso destino? A Bíblia é clara ao afirmar que cada um de nós é uma alma eterna que existirá eternamente em um de apenas dois lugares - o céu ou o inferno. O Céu é a morada de Deus, um lugar de perfeita retidão onde o pecado e todas as suas terríveis consequências de dor, sofrimento e morte foram banidos. O Céu é um lugar de beleza, luz, harmonia, amor e alegria. A alternativa é o inferno e, por fim, o Lago de Fogo, um lugar de escuridão, sofrimento, choro e total desesperança, onde as almas são separadas de Deus e de tudo o que é bom.

Perante consequências tão extremas, é imperativo que se tenha a certeza de chegar ao Céu. Mas será possível ter essa certeza? Será que o nosso destino depende das nossas boas obras, do nosso batismo ou da igreja a que pertencemos? Quais são exatamente as qualificações para entrar no céu? Só a Palavra de Deus, a Bíblia, pode nos dar as respostas corretas.

A Bíblia nos ensina que o nosso destino padrão não é o céu, mas o inferno. Nascidos com uma natureza pecaminosa, cada um de nós se distancia de Deus. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23). O Senhor Jesus disse a Nicodemos, o homem mais religioso da sua época, que se alguém "não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (João 3:3). Ainda mais alarmante é a verdade de que não podemos fazer nada para nos tornarmos

justos com Deus. Nenhum ser humano será justificado pelas obras da lei (Romanos 3:20). A ideia popular de que Deus irá pesar as nossas boas e más ações para determinar a entrada no céu não se encontra na Bíblia.

A boa notícia é que Deus reconheceu a nossa condição de desamparo e enviou o Seu Filho, Jesus Cristo, para ser o nosso Salvador. Jesus que é plenamente Deus tomou sobre Si a verdadeira humanidade para que pudesse morrer numa cruz sob o julgamento de Deus pelos nossos pecados. "Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (1 Pedro 3:18). A morte do Senhor Jesus satisfaz a justa ira de Deus contra o nosso pecado. Deus demonstrou a Sua satisfação ao ressuscitar Jesus de entre os mortos. "Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 João 2:2). Deus oferece agora a vida eterna gratuitamente a quem se arrepender dos seus pecados e confiar em Jesus Cristo como seu Salvador. "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna" (João 3:36).

É possível ter certeza de chegar ao céu porque a entrada não depende de nada que façamos. A certeza do céu baseia-se na fé em Cristo e na Sua obra consumada. Aqueles que confiam em Jesus Cristo recebem como posseção presente a vida eterna que não pode ser tirada. Jesus disse: "Eu dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer" (João 10:28). Aqueles que desistem de depender das suas próprias obras e confiam em Jesus como seu Salvador têm a garantia de estar no céu. Confie em Cristo hoje e pode ter a certeza de estar no céu.

VERDADE DIVINA
www.verdadedivina.com.br